

N.º 2.

Aqui vão troando  
Os éccos das bombas,  
Que estourão nas trombas  
Dos Rhyneçoróntes.

Preço 40 réis.

Fel. Elis.

Sexa. Para 17 de Janeiro de 1823.

CHEGADOS a uma época tenebrosa, em que a diplomacia de *Coblentz* de novo estatue o odioso direito de intervenção armada para obrigar nações livres, e independentes a se regrem por o modelo de seu governo, e de suas idéas, vendo que esses mesmos francezes, que proclamaram os direitos do homem sobre a ensanguentada guilhotinado, desventuroso *Luiz XVI.*, são os que se oferecem instrumentos servis das góticas fantezias de uma nobreza, que o voto da França proscreeva, e q de novo se empoleirará á sombra das laonetas estrangeiras, não podemos deixar de derrubar em nossos toscos escriptos o quimerico direito dessa ingerencia monstruosa, que ataca a independencia das nações, e a liberdade do genero humano.

Em que estatue o gabinete de *St. Clara* o juz de ditar leis ao de *Santo Idcirso*, ou *Quiluz*? Não nascerão todas as nações livres, e independentes? Não tem cada uma dellas igual direito de formar o seu governo, e estabelecer suas leis? É o direito da legitimidade, que arrebanha os bons francezes? E que direito é este se não a voz do absolutismo defendida com argumentos de *canhão*, e sustentada com provas de *laonetas*, logica que atemoliza, mas não convence? Será possível acreditar-se que a bella Europa forma por especial mandado de Deos diversos morgados, que pertencem ás casas de *Lorena*, e de *Bourbon*? E, que os primogénitos destas casas devem por

lei divina succeder nestes morgados? Será possível conceber-se a idéa de q os chetes destas familias podem só governar, e dar as leis que quizerem a povos independentes, como se fossem rebanhos de cabras?

Se escriptotes assalariados, pregadores venais, rançosas academias, e interesseiros aduladores se não pèjão de dogmatizar tão fabuloso direito, se homens enlodados em toda a torpeza do poder, e revendo-se em carochos pergaminhos, vomitados por as lo-pitá-leiras ordas do *Tomiza* ás subjogadas praias de *Sena* querem governar a casa alheia, os portuguezes, que nascerão livres, esses mesmos que ainda á pouco libertarão a bella *França* das garras do despotismo de *Buonaparte* saberão de novo mostrar com a espada na mão o que é o direito da legitimidade.

Sim, elles poderão dizer com ufania aos illudidos francezes:

Nós em 1139 sobre as triunfantes campinas do ensangueitado *Ouicé* nomeamos o nosso primeiro Rei, e o grande *Affonso* ha recebido de nossas mãos vitoriosas, e não das mãos da legitimidade o seiro da *Lusitania*. Nós os portuguezes não satisfeitos com o direito divino da senhora *D. Briles*, nomeamos em 1383 nosso Rei o bastardo *Mestre d' Avis*, e o grande *João I.* fei por direito humano o chefe illustre da grande familia portugueza, apesar dos legitimos embargos da dita senhora, e dos filhos da bella *Castro*. Nós os portuguezes depois que um Rei joven, e jezuiticamente aconselhado sepultara em os areaes de *Alcacerquibir* a gloria da *Lusitania*, sim, fomos atraçadamente acitos

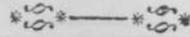
adoradores do direito divino do hêsperol *Filippe*, mas nós os portuguezes á nossa moda mostramos em 1640 que eramos um povo livre, e independente, nomeamos um Rei nacional na augusta pessoa do Duque de *Bragança*, e a legitimidade de *Filippe* só teve adoradores nas decapitadas cabeças do Duque de *Caminha*, e Marquez de *Villa-Real*, e na clauzurada patetice do Arcebispo de *Braga*.

Nós os portuguezes sim fomos em 1807 fíios espectadores do direito divino de *Nepolião*, curvamos nossas cabeças á espada invazora do Duque de *Albantes*, e vimos um Príncipe nacional abandonar a coroa da Lusitania nas omnipotentes garras das Aguias de *Irland*, e de *Austreliz*: mas nós os portuguezes á nossa moda mostramos em 1808 ao mundo inteiro que eramos um povo livre, e independente, a clamamos de novo em *Othão* esse mesmo Príncipe, que era o idolo dos portuguezes, e os louros da *Folga*, e do *Vimeiro* testemunharão que podiamos usar deste direito da natureza, e que as fanfarronadas de *Alcaçoz*, e *Nepolião* em *Tilsit*, e as cacholices de *Carlos IV.* em *Fontenébica*, são a irrisão de um povo, que dizia a seus Reis = Governai-vos melhor, senão nós nomearemos quem nos governe. =

Nós os portuguezes sim vimos o Fei da nossa escolha i'aqueado nas jesuiticas redes de um *Villo-nova*, de um *Tarjini*, e de um *Fercy*, e nós o vimos lerge de nós tratar a sua patria como uma colonia, nós alfim nos olhamos o patrimonio do estrangeiro *Feresjrd*, mas nós os portuguezes em 24 de Agosto de 1820 tornamos á nossa moda a mostrar ao universo que eramos um povo livre, e independente, e de novo nomeamos nosso primeiro Rei constitucional o Senhor *D. João VI.*, não porque nos considerassemos seus escravos, não por acreditarmos que o povo portuguez era morgado de sua casa, mas porque sempre o olhamos como o pai da patria, como as delicias, a gloria, e a ufania dos lusitalos, como um Fei nacional, que sempre quiz o bem de seus subditos, e que conhecia que antes d' haverem reis, houverão homens, e que é ao pacto da sociedade destes, e á sua vontade que os reis governão.

Oh! praça ao Deos da patria,

ao Deos do grande Affenço, que os abençoados das co maior, e do mais justo dos monarchas, os dias do adorado *D. João VI.* se eternizem: á voz delle, á voz da patria, á voz da constituição que portuguez deixará de sustentar a independencia da sua patria, e a sua liberdade?!! Que portuguez deixará de seguir a trilha de seus maiores! oh! não; nenhum.



O homem piedoso, e o atheo fallão sempre da *Religião*: um falla do objecto que ama, outro do que teme: Liz Mr: Montesquieu. — Em verdade nada influe tanto sobre o coração do homem como a *Religião*, nem a sociedade pode firmar-se sobre mais segura escôra.

Em persuadido estava desta verdade o grande *Birabeau*, quando no seio da assemblea constituinte fazia soar estas palavras:

„ Declaremos altamente á face  
„ de todas as nações, que o reconhe-  
„ cimento de um DEOS é necessario ao  
„ povo francez. Plantemos o signal da  
„ Cruz sobre o siño de todos os departa-  
„ tamentos, e não consintamos que se  
„ nos lance em rosto o ter querido  
„ quebrantar o freio do crime, ou es-  
„ gotar o ultimo recurso da virtude  
„ desgraçada. „

Não nos cansaremos muito em demonstrar a verdade desta asserção, porque felizmente ella ocupa entre os portuguezes o lugar d' axioma.

Nosso maior cuidado será ensinar-lhes a detestar o fanatismo, este monstro carniceiro, que sendo parto do inferno, coberto com as vestes do ceo espalha sobre toda a terra o erro, e o crime.

Nós lhes diremos pois, como em França dizia o cidadão *Portalis*, orador do governo, em uma sessão do corpo legislativo: = Os Estados devem amaldiçoar a *superstição*, e o *fanatismo*.... o de *Muncer*, cabeça dos *Anabaptistas* foi certamente mais funesto aos homens, que o *Atheismo* de *Spinoza*.

Não sem mágua vemos entre nós

uma *Cabilda de Theocratas* ambiciosos empregados em propagar entre o povo idéas mais acomodadas a cimentar os interesses destas sanguixugas sagradas, do que a arrear no coração dos fieis os sólidos princípios de uma bem entendida piedade.

Numerosas esmolas, pomposos funeraes, sumptuosos mauzoleos, elevados nos templos do mestre da humildade á vaidade, e o guiho dos homens, e a que fim tanta despeza? Para nutrir a ociosidade dos reverendos regales.

E' com magoa que nós vimos a multidão incauta cair na esparreira dos Bonzos astutos, a malgamando a religião com estas praticas supersticiosas, ou supondo-a rezidente nas pessoas de seus fautores: para dezenganar uns, e desmascarar outros o Azenel dará ao publico a historia critica d' algumas instituições disciplinares, principiando estas por o seguinte artigo.

## F R A - D E S .

Por muito antiga que se pertenda fazer esta Instituição é inegavel que ella não foi conhecida nos dous primeiros seculos da Igreja.

No meio do terceiro quando mais feroz se ateava contra os christãos a perseguição de *Decio* é que *S. Paulo* se retirou aos desertos da *Thebaida*, onde deu principio á vida *Monacal*. Uma instituição apoiada no Evangelho, e perfeitamente analogo ao caracter, e temperamento dos povos orientais não podia deixar de fazer prozelitos: afora *St. Antão*, e *St. Eulário*, já *S. Pacomio* contava tantos no numero de seus discipulos que lhe foi necessario erigir mosteiros, e dar-lhes regra.

Convertidos desta maneira os *Anacoretas* em *Cenobitas* de tal sorte se propagarão que já no meio do seculo quarto o Occidente via no seu seio este instituto conduzido a *Italia* por *Santo Atanazio*.

[ Continuar-se-á ]

## CORRESPONDENCIA

Sr. Redactor.

Acabo de chegar do outro mundo com quatro mezes de licença, a fim de tomar áres patrios; e como venho de terra estrangeira, é meo dever dar-lhe as novidades.

Saberá que ninguem entra no ceo uma vez que não vá amortalhado em habito de *S. Francisco*: indo no de *St. Antonio*, ou outro qualquer está na tinta que lá meta o pé: é porisso que os que morrem na tropa, e vão de farda, os cavalleiros das ordens militares, e vão de manto, e os que morrem no mar, e vão nús, nenhum destes lá mette o nariz.

Tambem não entra no ceo todo aquelle que não for neste mundo enterado em tumba da Misericordia, e sendo a de 6000 reis este fica mais justinho ao nosso Salvador: o que vai na dos Gatos pingados esse miseravel fica no patamal do ceo; e apenas vê a gloria por una jelozia.

Tãobem não pode entrar no ceo o que for enterrar ao cimiterio: é preciso ser sepultado na Igreja, ainda que a casa de *Deos* fique servindo de deposito immundo.

Tambem aquelle que não tiver um grande funeral, com grandes amiações pretas, tãobem lá não é admitido: e assim igualmente está fechada a porta da gloria a todo aquelle que atormentar por sua morte os martyres ouvidos dos que cá ficão com muito badalo de sino.

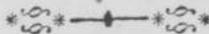
Tambem saberá que todo aquelle homem, ou mulher de *Fafe*, que morrer só poderá salvar-se ouvindo na Quaresma a palavra de *Deos*, só da boca dos *Monges da Costa*, e não de outros; e por isso bem fazem os ditos *Monges* em não permittir que ninguem pregue a Quaresma em *Fafe*, senão elles, obrigando zelosamente o povo a não poder gastar o seu dinheiro com quem quizer.

Como até agora para ter entrada no ceo o que se precisava era ir munido do passaporte da virtude, e co

arrependimento, e agora este regulamento celestial é novo lho participo, pois lhe hade ser preciso quando o Sr. Redactor entezar a perninha.

*Seu Patricio*

*O ex-Defunto com licença.*



*Sr. Redactor.*

Que a emigração é uma das principais causas da esterilidade do commercio, e da consequente pobreza de qualquer povo não entra em questão: ella arastra sempre a pós si o numerario, que devendo correr de mão em mão na terra abandonada, vai por o contratió fertilisar a nova patria de seu possuidor.

E' pois do dever de todo o governo, que de seja a prosperidade de seus subditos atalhar a emigração, e esta medida, que em ponto grande reverbera grandes raios de felicidade, é igualmente interessante em ponto pequenó.

Todos nós sabemos que annoalmente emigrão de *Guimarães* 20 mil crusados, os quaes podendo-se gastar com os nossos mercadores, merceiros, fanqueiros, carpinteiros, çapateiros, alfaiates &c. vão ser semeados no golfão da capital.

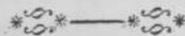
Se a nossa camara constitucional deseja o bem, e a riqueza dos habitantes do seu conselho (o que acredito por o conhecimento que tenho da maioria dos veriadores), deve quanto antes fazer uma respeitosa supplica a *Sua Magestade* (não faltará quem assigne), representando-lhe a necessidade de vir occupar a sua ociosa cadeira o *Dom Prior de Guimarães*; exporá a *S. M.*, que *José Telles* é paróco da villa, que ainda lhe não pôz a vista em sima, e que muito anticanonicamente se está divertindo em *Lisboa* não rezidindo em seu beneficio, quando aliás sua residencia é indispensavel á frente do cabido, e no meio do seu rebanho.

Esta representação é tão justa que estou certo *S. M.* o manda logo logo recólher, pois para gazear já basta: não custa despeza ao conselho, e se se não pozer em pratica, o povo terá razão de queixar-se, e de attribuir este desmazelo á influente intimativa dos illustrissimos

mos Prebendados.

*Sou seu leitor*

*O Amigo das rezidencias.*



### ASSIGNATURA DESTE PERIODICO.

Os Senhores q per sua devoção quizerem assignar o primeiro trimestre do *Azemel*, que sahirá Semanalmente, o poderão fazer na loja de bebidas de *José Manoel da Costa*, ao *Toural*, ou na casa da *Imprensa* rua *Escura*.

PREÇO 400 REIS.

Aos Senhores Assignantes se lhes insertão gratis seus anuncios proveitosos; e aceitam-se correspondencias vindo assignadas, reconhecidas, e porte franco, e com direcção ao Redactor na casa da *Impressão*.

VENDE-SE

*Na Casa da Imprensa; rua Escura.*

*Na loja de pmos de José de Freitas, terceiro de S. Francisco.*

*Na de bebidas de José Manoel da Costa, Toural.*

*Na de ferragem, no Toural á esquina de Matta-Diabos.*

### AVISO.

Sahio á luz o Folheto intitulado—*Epithome de Orthografia Portuguesa*,— dividido em Lições, que contêe um resumo de *Definições Grammaticaes, Analyse da Proposição, e Regras da Pontuação*, segundo o systema Philosophico. Ordenado em forma de Dialogo, para com mais alivio dos Mestres, e menos enfado dos Discipulos, se instruir a Mocidade Portuguesa, que frequenta as Escolas de primeiras Letras. Vende-se nos Livreiros desta villa, a preço de 160 reis.